

NOTAS ESPARSAS SOBRE *MORNAS ERAM AS NOITES*

DISPERED NOTES ON *WARM WERE THE NIGHTS*

*Demétrio Alves Paz*¹

A publicação de *Mornas eram as noites*, de Dina Salústio, no Brasil é um marco porque a obra, com primeira edição em 1994, já é um clássico da literatura cabo-verdiana. Esse nosso atraso editorial pode ser visto pelo lado bom: agora temos a obra de forma mais acessível, lançada nacionalmente, não dependendo mais da boa-vontade de amigos, colegas e professores para obtê-la no exterior. Igualmente, ter em mãos, folhear, ler e reler a obra é como se estivéssemos com um pedaço de Cabo Verde. Outra vantagem da edição nacional da obra é o posfácio de Simone Caputo Gomes, a grande difusora da Literatura Cabo-verdiana no Brasil².

Dina é Bernardina de Oliveira Salústio, nascida em 1941, na Ilha de Santo Antão, Cabo Verde, autora das obras *Mornas eram as noites* (1994), *A louca de Serrano* (1998), *A estrelinha Tlim, Tlim* (1998), *O que os olhos não veem* (2002), *Filha do Vento* (2009), *Filhos de Deus* (2018) e *Veromar* (2019). Nas 35 narrativas que compõem a obra de Dina Salústio, dois mundos nos são revelados. O primeiro é palpável: Cabo Verde, seu povo (principalmente suas mulheres), suas lutas, conquistas, derrotas, sofrimentos e felicidades. O segundo é impalpável: a mente criativa e perceptiva da autora que capta tudo como se olhássemos para a imensidão (tal como o oceano que circunda o arquipélago) que há nessa obra e não compreendemos em uma só leitura.

Há crítica – ou melhor seria dizer, denúncia –, por meio de relatos sensíveis que tocam os leitores de forma a trazer uma reflexão sobre o mundo circundante. As diferentes mundivivências são o tom da obra. Há mulheres, muitas e diferentes, de todas as classes sociais e tipos: da pobre à rica, da anciã à jovem, mulheres que sabem se defender e as que sofrem violência, ainda que não saibam o porquê. Temos, assim, um panorama vasto e complexo nas histórias. Nas narrativas, percebemos uma concisão e uma precisão que nos fazem questionar qual seria o gênero: conto ou crônica? Vejamos, então, algumas observações de Alfredo Bosi, Julio Cortázar e Ricardo Piglia.

O conto é, para Alfredo Bosi (2001), o destino da ficção contemporânea, assumindo diferentes formas porque está situado entre a narração de tradição realista, o fantástico e o experimentalismo formal. De acordo com o crítico, o gênero seria a condensação e a potencialização das possibilidades da ficção, pois a sua brevidade exige muito do escritor. Dessa forma, é nele que ocorrem algumas vivências exemplares. (BOSI, 2001, p.8). Como elas aparecem no texto? O conto deve ter uma unidade de sentido, que é obtida pela escolha de uma situação paradigmática pelo narrador.

Se o contista é “um pescador de momentos singulares cheios de significação” (BOSI, 2001, p. 9), o trabalho do autor será o de reinventar essa situação, buscando aquilo que não foi visto e sentido por outros anteriormente. Esses acontecimentos podem apresentar uma infinidade temática, de tal modo que o gênero é rico em saberes: “Surpresas, epifanias, visões. Na experiência renovada dessa revelação que é a forma, a literatura tem, como sempre, muito que nos ensinar sobre a vida.” (PIGLIA, 2004, p. 114).

Julio Cortázar ressalta a semelhança do conto com a fotografia. O fotógrafo, assim como o contista, deve

Recortar um fragmento da realidade, fixando-lhe determinados limites, mas de tal modo que esse recorte atue como uma explosão que abra de par em par uma realidade muito mais ampla, como uma visão dinâmica que transcende espiritualmente o campo abrangido pela câmara. (CORTÁZAR, 2008, p. 151)

Isso quer dizer que tanto o fotógrafo quanto o contista trabalham com um limite físico: na foto, o foco da câmera; no conto, o número de páginas. Além disso, o contista precisa condensar sua narrativa, pois não dispõe de muito espaço e tempo.

O que é necessário para se escrever um bom conto? De acordo com o autor de *Os reis*, três aspectos são fundamentais: significação, intensidade e tensão. Um depende do outro, de modo que só podem ser entendidos unidos. Assim, a primeira condição é a escolha de um tema significativo para o escritor; a segunda, como esse tema será tratado pelo contista, usando uma linguagem concisa; a terceira, como a história é estruturada e contada. Escrever contos é uma arte, portanto, há um trabalho estilístico para alcançá-la.

Tanto Bosi (2001) quanto Cortázar (2008) destacam a captação de um instante ou um fragmento como algo imprescindível para o conto, mas quais deles Dina Salústio assimila? Uma mulher cansada da vida que leva (e não planejou) cogita fugir, mas a realidade é mais forte do que os sonhos e a demove da intenção em “Liberdade Adiada”; a descoberta da força que as mulheres têm quando lutam e o prazer proporcionado pela consciência disso em “A oportunidade do grito”; o filho que descobre que pode ser injustiçado, assim como fez com sua mãe em “Filho és, pais serás” ou, ainda, em “*Please come back to me*”, a maneira como o desconhecimento de uma só palavra é capaz de acabar com uma paixão, entre muitos outros momentos colhidos pela autora.

Em relação às críticas e denúncias da autora, vejamos alguns exemplos. “Tabus em saldo” começa elencando a diferenciação que ocorre no tratamento entre os gêneros, assim como uma certa perversão que vem junto com esse dualismo. Ao denunciar a prostituição infantil no seu país, a escritora levanta um problema não somente social, mas também cultural. A exploração sexual do corpo infantil é feita de modo escancarado, aliciando as meninas no local que deveria ser o menos propício a isso: a escola.

A força do relato não reside só na denúncia – caso contrário, seria uma reportagem jornalística –, mas também na linguagem utilizada: a ironia presente em passagens como “Temos uma juventude tão bonita que há que se retirar os dividendos, transformando-a em objeto de gozo mais sofisticado, em produtos rentáveis” (SALÚSTIO, 2019, p. 59) e “Barato como nós, nossa autenticidade, as ambições, os sentires, o orgulho e a existência” (SALÚSTIO, 2019, p. 59). É nesse molde significativo e tenso, tal como Cortázar destacou, aliado ao protesto, à crítica e à concisão que se tem um conto.

O que esperar de onde impera o ódio, a intolerância, o descaso e o abandono? Ao invés de livros abertos e estudantes ávidos por conhecimento, tem-se os “livros e pastas esquecidos na valeta” (SALÚSTIO, 2019, p. 59) de uma gang de alunos que agridem um doente mental em “Para quando crianças de junho a junho?”. O descaso com os livros e pastas e o próprio local onde foram colocados indicam a barbárie, a covardia, a crueldade e a animalidade do ser humano em crianças e jovens que um dia serão homens.

O miúdo do conto faz parte de um contingente muito comum em Cabo Verde: a monoparentalidade. O chefe do grupo desabafa e revela a fonte de seu ódio: o abandono do pai. Infelizmente, esse menino ainda não compreende que há pais “presentes” que são tão ou mais maléficos do que os ausentes ou inexistentes. O ódio ao diferente tem uma fonte, um alvo que não pode ser alcançado. A ira ao desconhecido é uma presença constante na vida desse garoto. Tanto a raiva diária quanto a falta contínua dessa figura sem forma podem adquirir a aparência que ele bem entender.

A narradora do conto “Natal”, na época da festa, em uma loja, observa três meninos a olharem e tocarem brinquedos. Ela percebe, pelas roupas deles, que não têm condições de comprar, mas estão felizes em ver e tocar o que não podem ter. Enquanto isso, na loja, outras pessoas entram, escolhem presentes, reclamam dos preços, pagam e vão embora. Por descuido, uma das crianças faz-se notada pelos clientes, que passam a proteger seus pertences e a suplicar, pelo olhar à vendedora, que eles sejam expulsos da loja, o que acaba ocorrendo. A narradora sente indignação pelo ato e deseja que “Talvez o Natal passasse a ser mais humano, mais de compromisso, porque não artificial” (SALÚSTIO, 2019, p. 62), mas vê na atitude deles uma certa superioridade: “Tranquilamente, saem em busca de outras lojas de sonhos.” (SALÚSTIO, 2019, p. 62).

Outro jovem em situação de carência é Picas do conto “Ele queria tão pouco”. A narradora está lecionando em um lar para órfãos quando é interrompida por um comerciante da vizinhança, que acusa alguém dali de ter roubado um rádio de sua loja. Sem saber o que fazer ou como lidar com

a situação num primeiro momento, ela fica sem reação, mas promete que entregará o aparelho roubado se o achar. Ao descobrir o autor do furto, ela o procura e o encontra com o rádio. Ao invés de resolver tudo naquele momento, aguarda outro instante, de modo que ele confessa e devolve o objeto, mas não sem antes dar o seu motivo: “gostava de ouvir música sozinho e em silêncio e, na sala, os colegas faziam muito barulho”. (SALÚSTIO, 2019, p. 33).

Além da crítica e denúncia, há narrativas em que surge um intimismo maior, tal como tem-se em “Com todo o respeito, um camarada”, em que a narradora relata sua relação com Jesus, a quem considera um camarada. Ela tem com ele uma amizade forte de tal modo que “Um dia, cansada de O ver crucificado, resolvi tirá-lo da cruz onde O pregaram. Como poderia falar de uma cena alegre e brilhante estando Ele triste e sangrando? Acho que eu seria muito cruel.” (SALÚSTIO, 2019, p. 64). Cristo, para ela, é alguém próximo, com quem se pode contar e conversar. Sendo um amigo, não suporta vê-lo sofrer.

O inusitado também está presente em “Um encontro para depois”. A narradora conta a sua paixão por um homem mais velho. Ela habituou-se à convivência com ele, apesar de suas excentricidades e constantes reclamações. Ainda que, algumas vezes, houvesse uma certa invasão do seu espaço, em outras, ela esperava ansiosamente por alguma comunicação com ele. Ao organizar um jantar para apresentá-lo aos amigos, recebe uma triste notícia, que a desestabiliza totalmente.

O que poderia ser uma história de um capricho – o desejo de uma jovem em ter um vestido azul, exposto numa boutique – é, na verdade, a comprovação da dedicação, da força de vontade e amor de três mulheres a uma menina. A mãe, a tia e uma vizinha passaram dias e noites a trabalhar para que Magda fosse à festa com o vestido escolhido em “Eram todos finalistas”.

Assim como a morna (música típica do país), as narrativas de Dina apresentam vozes femininas que ecoam no leitor do mesmo modo que o som no ouvinte. Ao terminar a leitura, ao invés de sentirmos um vazio pela finalização, sentimos uma plenitude pela humanidade presente nos contos. Há um mundo que não cabe só em Cabo Verde, visto que, agora, *Mornas eram as noites* nos pertence.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 2001.
- CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- PIGLIA, Ricardo. *Formas Breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SALÚSTIO, Dina. *Mornas eram as noites*. Belo Horizonte: Nandyala, 2019.

Recebido para avaliação em 31/10/20
Aprovado para publicação em 10/11/20

NOTAS

1 Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000), mestrado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2004), doutorado em Teoria da Literatura pela PUCRS (2011) e Pós-Doutorado em Letras pela UFRGS (2015). Atualmente, é Professor Associado 1 de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Cerro Largo (RS), com ênfase em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Literatura afro-brasileira, Ensino de Literatura, Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Infante-Juvenil e Teoria da Literatura.

2 Contudo, temos de fazer também o nosso *mea culpa* em assumir que somos muito defasados em relação à edição de obras dos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP). Por esse motivo, é louvável a iniciativa da Nandyala, editora que já publicou obras de outros autores, demonstrando o seu compromisso com divulgação das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Brasil.

Apoio:



*Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal Fluminense (GPL/UFF)*

*“Apoiado pela Universidade Federal Fluminense com recursos do
Programa Auxílio Publicação - PROPP, 2014”*

Realização:

Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF (NEPA)

COLABORADORES

Iris Maria da Costa Amâncio
Terezinha Taborda Moreira
Bernardo Nascimento de Amorim
Élen Rodrigues Gonçalves
Prisca Agustoni de Almeida Pereira
Sávio Roberto Fonseca de Freitas
Claudia Letícia Gonçalves Moraes
Rayron Lennon Costa Sousa
Valéria Cardoso da Silva
Debora Ribeiro Rendelli
Daniel Laks
Wellington Marçal de Carvalho
Silvana Maria Pantoja dos Santos
Carolina Piovam
Gisett Elizabeth Lara
Mateus Pedro Pimpão António (Angola)
Vera Duarte (Cabo Verde)
Pires Laranjeira (Portugal)
Cíntia Acosta Kütter
Demétrio Alves Paz

ISSN 1984-2090



9 771 984 2090 00